ARTIGO ORIGINAL

RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, ARTE E CULTURA: DISCURSOS EM DIÁLOGO NA ESCOLA

RELATIONSHIPS BETWEEN LITERATURE, ART AND CULTURE: SCHOOL DIALOGUE SPEECHES

Ana Maria Esteves Bortolanza[1]

RESUMO

O artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica (2016-2017) que trata do ensino da literatura na escola em suas relações com a arte e a cultura, no contexto de uma abordagem transdisciplinar da poesia Retrato de Família de Carlos Drummond de Andrade e da pintura Os Retirantes de Cândido Portinari. Em relação aos fundamentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa que trabalha com significados (MINAYO, 1994), possibilitando a atribuição de sentidos aos signos verbais e aos signos pictóricos. Apoia-se teoricamente em autores como Arendt, Barthes, Benjamim, Chartier, Lajolo e outros. Os resultados da análise mostraram que a abordagem transdisciplinar pode favorecer o ensino da literatura de maneira a possibilitar a interpretação do texto verbal e do texto-imagem para além da aparência, de maneira a desvelar a realidade sociocultural materializada nesses objetos artísticos. Conclui-se que o trabalho pedagógico na perspectiva transdisciplinar pode partir da leitura verbal das imagens e da leitura imagística da poesia, de forma a intercruzar essas linguagens no ensino da literatura em diálogo com a arte e a cultura, pondo em evidência a significação do texto e/ou da imagem para além de sua imediaticidade, na realidade em que se materializa.

Palavras-chave: Educação literária; Abordagem transdisciplinar; Objetos artísticos.

ABSTRACT

The article is the result of a bibliographical research (2016-2017) that deals with the teaching of literature in the school in its relations with art and culture, in the context of a transdisciplinary approach of Carlos Drummond de Andrade's Portrait of Family and Painting The Retirantes de Cândido Portinari. In relation to the methodological foundations, it is a qualitative research that works with meanings (MINAYO, 1994), allowing the attribution of meanings to verbal signs and pictorial signs. It is theoretically based on authors Arendt, Barthes, Benjamin, Chartier, Lajolo and others. The results of the analysis showed that the transdisciplinary approach could favour the teaching of literature to enable the interpretation of verbal text and text-image beyond appearance, in order to unveil the socio-cultural reality materialized in these artistic objects. It is concluded that the pedagogical work in the transdisciplinary perspective can start from the verbal reading of images and the imagistic reading of poetry, in order to cross-link these languages in the teaching of literature in

[1] Pós-Doutoramento em Educação (Universidade de Évora); Doutorado em Educação Brasileira (Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente da UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina. Email: amebortolanza@uol.com.br .

dialogue with art and culture, highlighting the meaning of the text and / or the image beyond its immediacy, in the reality in which it materializes.

Keywords: Literary education; Transdisciplinary approach; Artistic objects.

1 Introdução

Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica (2016-2017) sobre a literatura em suas relações com a cultura e a arte, com a finalidade de apontar as possiblidades de exploração do texto literário na escola em uma perspectiva transdisciplinar. O estudo centrou-se no ensino da literatura em diálogo com a poesia e a pintura, contextualizando-os em um cenário de crise profunda do mundo contemporâneo, de maneira a trazer a realidade em suas contradições para a literatura.

De acordo com Arendt,

> [...] o homem na plena realidade de seu ser concreto vive nessa lacuna temporal entre o passado e o futuro. Suspeito que essa lacuna não seja um fenômeno moderno, e talvez nem mesmo um dado histórico, e sim coeva da existência do homem sobre a terra. Ela bem pode ser a região do espírito, ou antes, a trilha plainada para pensar, essa pequena picada de não-tempo aberta pela atividade do pensamento através do espaço-tempo de homens mortais e na qual o curso do pensamento, da recordação e da antecipação salvam o que quer que toquem da ruína do tempo histórico e biográfico. Este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo. (ARENDT, 2005, p. 39-40)

Neste sentido, buscamos a literatura em uma perspectiva transdisciplinar, o que implica, primeiramente, situar o lugar da educação na sociedade atual, e, consequentemente, o lugar que ocupa a literatura na escola.

Arendt situa a educação em relação à sociedade definindo-a como

> [...] o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando em vez disso com

> antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDT, 2005, p.247)

É nesse contexto de uma educação descolada da sociedade e da cultura do país, que partimos para pontuar algumas questões fundamentais no ensino da literatura, optando pelos textos verbal e imagético em diálogo, ambos concretamente situados no mundo da cultura.

Algumas perguntas nortearam a elaboração deste estudo: O que é literatura? Que papel desempenha o professor no ensino de literatura? Essas questões remetem a uma outra questão fundamental: Que *lugar* a literatura ocupa na escola brasileira atualmente? Com o objetivo de respondê-las, alguns apontamentos foram elaborados a respeito dos discursos sobr*e* e *de* literatura veiculados por múltiplas linguagens e suportes.

2 Concepções de literatura e práticas de leitura do texto literário

De acordo com Bortolanza (2014), para Lajolo (1982, p.16) "a obra literária é um objeto social" que pressupõe um escritor e um leitor. Esse encontro entre escritor e leitor é mediado por instâncias como a editora, a livraria etc., ou seja, por todos aqueles que fazem um texto literário chegar às mãos do leitor.

Para Lajolo (1982, p. 18) *apud* Bortolanza (2014, p. 41), o caminho que percorre a obra literária para chegar ao leitor

> [...] é semelhante aos caminhos que seguem quaisquer outros produtos até seus consumidores. Mas a obra literária precisa algo mais: ela precisa ter literariedade para ser "considerada parte integrante do conjunto de obras literárias de uma dada tradição cultural, [e] o endosso de certos setores mais especializados, aos quais compete o batismo de um texto como *literário* ou *não literário".* (Lajolo, 1982, p. 18).

A literariedade do texto é definida por instâncias como a universidade, intelectuais e críticos etc. Nesse sentido, o crivo do que é um texto literário passa por essas instâncias, embora adquira sentidos diversos dados por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos e espaços físicos (BORTOLANZA, 2014).

À vista disso, Bortolanza (2014, p. 41), citando Lajolo (1982, p. 25), a reitera ao afirmar que a literatura "continuará a ser o que é para cada um, independente do que os outros digam que ela é", pois, acrescenta a autora (1982, p. 15) "tudo é, não é e pode ser que seja literatura".

Assim, é a atribuição de sentidos, que segundo Bortolanza (2014), define o que é um texto literário. Sentidos que, embora alicerçados na realidade, ganham múltiplas possibilidades. A isso chamamos a materialidade da literatura, ela existe num tempo e espaço, e se alimenta do contexto em que está inserida.

O nascimento da burguesia (1789) criou uma visão de mundo e de homem que rompe com a tradição clássica, medieval e renascentista. No século XIX, a linguagem passou a representar o mundo, mas o movimento realista na literatura pôs em evidência a plurissignificação e a provisoriedade dessas representações. Segundo Bortolanza (2014, p. 41), "Assim a literatura, sem abandonar sua tradição escrita atravessou o século XX e adentrou o século XXI".

No movimento modernista, a literatura ganhou novos contornos: o livro impresso já não é mais seu único suporte. Ela ganhou espaços inusitados: no computador, no cinema, ruas, músicas, roupas e corpos, adquire cores e luzes. A linguagem literária passa a empregar diferentes efeitos estéticos ao tornar-se plástica, sonora, visual, cibernética. A palavra saiu de seu *habitat*, e habitou o mundo.

O livro deixou de ser o suporte exclusivo do texto literário. Com as tecnologias digitais, o livro compete hoje com outros suportes como os *smartfones*, os computadores, a televisão e tantos outros que materializam o texto literário de diferentes formas em seu processo de criação e de recepção. Atualmente, na chamada sociedade da informação, a literatura como objeto artístico vem se transformando, principalmente pela *internet* que multiplicou o acesso às obras literárias.

De acordo com Bortolanza (2014), com a imprensa, a arte se multiplicou nas cópias. Sobretudo, a fotografia e o cinema expandiram a obra de arte, que segundo Benjamin (1985) distancia-se de seu caráter contemplativo, substituindo sua função ritualística pela função política.

Para Adorno (1985), a arte transforma-se em mercadoria no mundo capitalista, e serve ao projeto do capital de dominar o homem. Em razão disso, a autora faz uma crítica a Benjamin por ele não considerar o processo de fetichização da arte como mercadoria. Assim, ao perder seu caráter social, a arte deixa de ser admirada para ser consumida passivamente.

3 O professor como mediador do texto literário no ensino de literatura

Segundo Lajolo (1988, p.136), ensinar literatura tendo em vista o paradigma humanista "implicava uma visão de literatura como posse de um conhecimento erudito e de um patrimônio a ser transmitido de geração para geração, patrimônio criado e consumido dentro dos setores sociais elevados", de maneira a delinear "sua abrangência e alcance a este mesmo círculo cujos valores reproduzia e acabava por legitimar". Nessa direção, o texto literário atingiu uma parcela da população que tivera acesso à escola. Nesse momento, presenciamos o distanciamento entre a escola e a literatura.

Com a democratização da educação básica, o ensino médio acabou por dar novos contornos à sua concepção de literatura, novos formatos do texto literário foram produzidos pelo cinema, televisão, música etc. Juntou-se ao estudo dos textos literários canônicos, obras não canônicas que vieram da literatura de massas, da literatura margina etc. Para Bortolanza (2014, p. 46), "o alargamento da noção de literatura e o acolhimento de outras modalidades de expressão, não consagradas e sacramentadas, abriu novas perspectivas".

Segundo Lajolo (1988, p.137), "o ensino no segundo grau parece descobrir perspectivas renovadoras, capazes também de oferecer-lhe alternativas diferentes da mera adequação ao vestibular ou da regressão a um tipo de educação que foi funcional enquanto serviu aos grupos sociais que o criaram".

Contrariamente, aponta Bortolanza (2014, p. 46), citando Graça Paulino (2004), "há um distanciamento entre os cânones literários e os cânones escolares de literatura, a fragilidade do letramento escolar e a elitização da literatura têm dificultado a formação de alunos-leitores do texto literário".

E prossegue, apontando o paradoxo:

> [...] de um lado, a recepção emotiva de jovens leitores inexperientes; de outro, a disposição pedagógica de professores para uma leitura literária escolarizada impede a experiência de estranhamento e de outros exercícios intelectuais que aproximariam alunos e professores da interlocução com a literatura canônica. (BORTOLANZA, 2014, p. 46-47)

A partir dessas considerações sobre a literatura, o texto literário, o papel mediador do professor no ensino da literatura, passamos a tratar o objeto literatura por meio de uma abordagem transdisciplinar, de forma a situar a literatura em diálogo com outras linguagens. Para isso, escolhemos a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), *Retrato de Família* e o quadro de Portinari (1903-1962), *Os Retirantes*.

5 A leitura de um quadro: Os retirantes de Portinari

Chartier (1996, p. 22), ao abordar a leitura de imagens, destaca a identificação das diferenças entre ler um texto e ler uma imagem, ressaltando que

> [...] as estreitas relações estabelecidas na tradição ocidental entre textos e imagens, leitura do escrito e 'leitura' do quadro, incitam a colocar como centrais as relações entre as duas formas de representação, que sempre se excedem uma à outra, mas [...] sempre articulam o visível sobre o legível.

Neste estudo, recorremos a Marin (1996), entre outros autores, para subsidiar a análise da pintura de Portinari. O autor trata sobre a leitura de um quadro em relação à leitura de um texto, e articula o legível (texto) e o visível (o quadro).

Entre a poesia *Retrato de Família* de Drummond e o quadro *Retirantes* pintado por Portinari que diferenças existiriam? Marin (1996) aponta características fundamentais que nos autorizam a falar em ler uma poesia e ler uma pintura. Primeiramente, a página escrita tem elementos de iconização, sinais que funcionam como efeitos de visualização, assim, a poesia *Retrato de Família* pode ser visualizada embora se apresente como um texto impresso, legível. Segundo o autor, podemos situar diferenças e semelhanças entre ler um texto e ler um quadro como também elementos que vinculam e elementos que opõem o legível e o visível.

Ao identificar as semelhanças, o autor mostra que na pintura há um suporte material, a moldura, também no texto escrito ou impresso temos um suporte que a materializa, seja o papel seja a tela do computador ou ainda outros suportes. Para o autor, "ainda que simples figura de linguagem ou abuso de termo, não deixa de ser verdade que uma página escrita é, por um lado, leitura e, por outro, quadro e visão; o legível e o visível têm fronteiras e lugares comuns, superposições parciais e imbricações incertas. (MARIN, 2000, p. 19).

Nessa perspectiva, como ler um poema e como ler um quadro? Certeau (1994, p. 39), em *Invenção do Cotidiano*, trata a leitura como um consumo que por sua qualidade pode ser apreciado. Assim, é preciso apreciar as possíveis significações que tanto o texto poético como o quadro de uma pintura podem instigar, que passam pela legibilidade e pela visibilidade (LEONTIEV, 1978).

Como se realiza esse processo na apropriação dos objetos estéticos, como a poesia e a pintura? Bordieu (1999, p. 283) esclarece a diferença entre percepção ingênua e percepção

estética, evidenciando esta última como uma função mais humanizada, uma forma de sentido construído historicamente que se diferencia da percepção ingênua.

> Enquanto que a percepção ingênua, fundada no domínio prévio da divisão em classes complementares do universo dos significantes e do universo dos significados, trata os elementos da representação, folhas ou nuvens, como índices ou sinais investidos de uma função de pura denotação ("é um álamo", "é uma tempestade"), a percepção propriamente estética enfatiza os únicos traços esteticamente pertinentes, a saber, tendo em vista o universo das possibilidades estilísticas os que caracterizam uma maneira particular de tratar as folhas ou as nuvens, isto é, um estilo como modo de representação onde se exprime o modo de percepção, de pensamento e de captação próprio de uma época, de uma classe, de uma fração de classe ou de um agrupamento artístico. (BOURDIEU, 1999, p. 283)

Observemos a paisagem da seca onde as figuras de uma família de retirantes nordestinos são representadas por Portinari. O pintor emprega recursos plásticos para representá-la fugindo da seca nordestina (luz, cor, linhas etc.).

Os Retirantes (1944), Cândido Portinari.
Fonte: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733/detalhes>

Portinari denuncia a realidade do sertão, a miséria, o abandono do homem nordestino. No chão, pedras e ossos fazem o cenário de morte. Só resta à família fugir, para onde não

sabem... Esses retirantes, ainda que cadavéricos, esfarrapados, olhares perdidos, permanecem de pé, juntos, teimosamente uma família que pelos laços de carne caminha com esperança nesse cenário cinzento, escuro, de morte. A paisagem sem verde algum, os urubus no céu também mostram à família que é preciso sair desse deserto. O sol é escaldante, figuras débeis lembram caveiras, apenas duas trouxas apontam a miséria dessa família que pouco tem para levar. Tristes, entediados, desesperados, parecem caminhar descalços para lugar nenhum. No centro do quadro, a mulher grávida anuncia uma nova vida em embrião, símbolo de resistência.

A percepção estética só pode ser desenvolvida na atividade humana, para isso é preciso que a escola trabalhe com as formas mais elaboradas da literatura e da arte, de modo que os alunos possam se apropriar das máximas qualidades humanas produzidas o mundo das artes.

Entre a poesia de Carlos Drummond e o quadro de Cândido Portinari temos uma imagem de família. A poesia drummoniana e a pintura dialogam: são imagens de uma família que se foi no tempo, outra que se vai no espaço. Ambas podem ser lidas como imagens que falam poeticamente.

6 Algumas considerações sobre a literatura em uma abordagem transdisciplinar

A questão central que este estudo aborda é o ensino de literatura em suas relações com a arte e a cultura. A leitura literária está colocada no espaço escolar pelo seu próprio campo de conhecimento – o letramento – que se realiza quase sempre no espaço escolar. Entretanto, a leitura literária tem se distanciado cada vez mais da escola, há uma ruptura entre escola e leitura literária, um distanciamento entre livros de literatura e leitura escolar, um processo de escolarização da leitura/ literatura, que, embora inevitável, parece estar distanciando leitores e leituras literárias. Quanto à arte pictórica, esta praticamente não existe no espaço escolar.

A sensibilidade para apreciar objetos estéticos como a poesia e a pintura, entre outros, precisa ser ensinada na escola, sobretudo, no âmbito do ensino de artes literária, plásticas, fotográficas etc.

As atividades que ensinam apreciar a arte são fundamentais, principalmente, porque o acesso à produção cultural e aos valores estéticos ainda não é acessível a todos os brasileiros. À vista disso, a arte se amplia em diferentes linguagens que dialogam para aquele que desenvolvem formas de apreciar a dimensão estética dos objetos artísticos como a poesia e a

pintura. Ainda que a mídia tenha criado uma falsa ideia de comunicação para ler uma imagem, sem conhecimentos dos códigos artísticos, torna-se difícil para os alunos fazerem leituras de poesias e pinturas.

O trabalho pedagógico deve partir da leitura verbal das imagens e da leitura imagística da poesia, intercruzando essas linguagens no ensino da literatura em diálogo com a arte e a cultura, pois o que está em jogo é a significação do texto e/ou da imagem para além de sua imediaticidade.

Isso demanda situar a literatura num campo interdisciplinar que ofereça aos alunos possibilidades de aprendizados de estratégias de interpretação dos textos verbais e dos textos imagéticos. Para além do olhar, os textos verbais e imagéticos precisam captar significados não legíveis nem visíveis (HERNÁNDEZ, 2000).

Enfim, é preciso compreender que uma poesia tanto quanto uma pintura são objetos de humanização, com os quais o aluno pode relacionar-se para compreender a realidade representada por esses objetos. Ler uma poesia e ler um quadro não é simplesmente uma atividade didática, é preciso superar a visão escolástica entre uma abordagem dicotomizada da linguagem verbal e da linguagem não-verbal. A superação da dicotomia forma e conteúdo amplia a leitura em relação à forma e ao conteúdo da poesia (texto literário) e da imagem (texto imagético).

Em virtude das dificuldades em precisar tal conceito, é necessário considerar a dupla dimensão da representação: a transparência a opacidade. A primeira diz respeito ao que se quer mostrar, pois, como afirma Marin *apud* Chartier (2002, p. 165), “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha”.

A poesia não se limita ao significado das palavras nela contida, assim como a pintura não se exprime pelas suas formas e cores. Na representação pictórica, o artista absorve as formas reais, buscando chegar a uma síntese superior, consequentemente, longe de ser um mero espelho ou figuração da realidade, representar é “transfigurar”, ou seja, “é colocar a figura em estado humano” (VÁZQUEZ, 1978, p. 43).

Se um objeto artístico é forma e conteúdo que se complementam, se entrelaçam, se aproximam e se distanciam, não se trata de descrever, sequer de explicar, é preciso atribuir sentidos aos signos verbais e pictóricos. Ou seja, trata-se de abordar a poesia e a pintura para além de sua aparência, penetrando na realidade sociocultural materializada nesses objetos artísticos.

* Agradecimento ao CNPq pelo apoio financeiro que tornou possível este estudo.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento.* Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARTHES, R. *Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984)

BAUER, M. W.; GASKELL. G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.165-196. v.1

BORTOLANZA, A. M. E. A leitura literária na escola: desafio para a formação de professores. *Horizontes* – Revista de Educação, Dourados, MS, n.3, v2, janeiro a junho de 2014.

DRUMOMMOND DE ANDRADE, Carlos. Retrato de família. In: _____. Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p.143-144.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAJOLO Marisa. *A leitura e o ensino da literatura.* São Paulo: Contexto, 1988.

MARIN, L. Ler um quadro. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MARIN, L. *Sublime Poussin*. São Paulo: Edusp, 2000.

MENEZES, A. C. M. *Fotografia na poesia de Carlos Drummond de Andrade e Ruy Belo*: transporte no tempo. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 2016.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, Benedito. Carlos Drummond: a morte absoluta. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 5, p. 136-154, dec. 2000. ISSN 2237-1184. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19611>. Acesso em: 31 dec. 2017. <

NUNES, Benedito. Carlos Drummond: A morte absoluta. In: *Literatura e Sociedade*, n. 5, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: *Revista Portuguesa de Educação*, 2004, 17 (1), p. 47-62.

PROJETO PORTINARI. Disponível em: http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733/detalhes. Acesso em 02 fev. 2015.
REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica*: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.